

TRANSITORIEDADES: UMA COLEÇÃO, DIVERSOS MUSEUS

Rachel Vallego Rodrigues
rachelvallego@gmail.com
Universidade de Brasília - UNB

ISSN 2316-6479

Resumo

Este artigo aborda a formação da coleção de arte do Banco Central do Brasil e destaca o processo de doações de parte do acervo, entre 1994 a 1997. Focalizando os desdobramentos da formação do acervo do Banco Central, intenta-se relacionar o processo de desfazimento de parte do acervo com a construção de novas coleções e museus que receberam as doações a partir do fortalecimento institucional do Modernismo como um aspecto fundante para a Arte Brasileira, com ênfase a doação realizada a Universidade Federal de Goiás.

Palavras Chaves: Museu, coleção, doação, Modernismo, Banco Central do Brasil.

Abstract: This article discusses the formation of the art collection of the Central Bank of Brazil and highlights the process of donations of part of the collection from 1994 to 1997. Focusing on the consequences of the formation of the collection of the Central Bank, attempts to relate the process of undoing part of the acquis with the construction of new collections and museums that received donations from the institutional strengthening of Modernism as a foundational aspect for Brazilian Art, emphasizing the donation made to the Federal University of Goiás.

Keywords: Museum, collection, donations, modernism, Central Bank of Brazil.

O Banco Central do Brasil é uma autarquia federal que tem como objetivo a organização do sistema financeiro nacional, sua área fim nada diz respeito à cultura, mas em decorrência de turbulências na economia nos anos 1970 teve a oportunidade de receber uma importante coleção de obras de arte, principalmente de artistas modernistas, através de instituições financeiras em falência.

Muitas vezes contestado por não ser a área de expertise da instituição o Banco Central soube reconhecer ainda assim a importância e o valor da coleção que tem como expoentes Candido Portinari, Guignard, Volpi, Tarsila do Amaral e Ismael Nery, apenas para citar alguns nomes, e dedicar tempo e esforços para sua manutenção. Mas, por se tratar de uma coleção que já chegou a conter 4042 peças se tornou imperativa uma política de desfazimento para concentrar esforços em sua coleção principal.

A formação do acervo de arte do Banco Central¹ tem um início conturbado e com informações difusas, sabe-se que a partir da intervenção no processo de falência do Banco Áurea de Investimentos S.A. em 1974 o Banco Central recebeu como pagamento uma grande parte de seu acervo atual. Anteriormente à falência, a Galeria Collectio era a proprietária das obras. Fundada em 1969 na cidade de São Paulo, a Galeria Collectio teve um importante papel na formação do mercado de arte brasileiro. Com a promoção de leilões ao invés de exposições, conforme comenta Maria Alice Milliet², o dono da galeria José Paulo Domingues estimulou o investimento em arte comparando-o ao mercado de ações. Possibilitou diversas formas de financiamento e utilizou também intensas estratégias de marketing, ocupando folhas inteiras com propaganda no jornal *O Estado de São Paulo* para atrair compradores. Os leilões rapidamente se tornaram populares, mas como apontado por Milliet, a seleção de obras e artistas representados pela galeria indica uma opção bastante conservadora do *marchand* e do mercado focado no modernismo e seus desdobramentos, sendo a maioria das obras datada dos anos 1950, 1960 e 1970.

A impressão que se tem é que, com o crescimento do consumo, o *marchand* passou a adquirir – dos mestres aos novatos – tudo o que encontrava nos ateliês, sem nenhum critério de curatorial, preocupado apenas em suprir a demanda crescente por novos produtos. Isso explica a forte presença na Coleção do Banco Central de obras tardias de Di Cavalcanti, Cícero Dias, Vicente do Rego Monteiro, e de outros autores, e poucos quadros datados dos anos 1920 e 1930. (MILLIET, Inédito)

Com o falecimento inesperado de José Paulo Domingues em 1974 surgiram novos fatos, o *marchand* usava um nome falso e era na verdade o italiano Paulo Businco, estelionatário procurado pela Interpol³. Boatos sobre falsificação de obras, vendas fictícias para tentar manter o prestígio dos leilões, além do próprio endividamento da galeria com bancos levaram a falência. Seguido pela falência do Banco Áurea de Investimentos S.A., credora da Galeria Collectio, em 1978 iniciou-se a negociação com Banco Central para dação das obras remanescentes como parte da liquidação da dívida.

O acervo do Banco Central foi formado com o recebimento destas obras, cerca de quatro mil peças, dois processos de compra com o Banco do Estado da Guanabara (BEG), 12 painéis de Portinari chamados “Cenas Brasileiras”,

1 As informações para este artigo foram colhidas em pesquisa aos arquivos e processos do Banco Central em abril de 2013. A catalogação desses dados nem sempre foi feita de forma sistemática, existem truncamentos e conflitos nas informações, infelizmente nem sempre os quantitativos e os somatórios das obras batem no resultado final. As nomenclaturas são as mesmas usadas pelos documentos oficiais

2 MILLIET, Maria Alice, *Coleção Banco Central*, Vol. II, Inédito.

3 A verdadeira história do misterioso homem na Collectio, e suas mentiras. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 15/7/1974, In MILLIET, Maria Alice, *Coleção Banco Central*, Vol. II, Inédito.

pintados sob encomenda de Assis Châteaubriant para a revista “O Cruzeiro”, adquiridos em 1975 por dez milhões de cruzeiros, e uma segunda compra, o painel “Descobrimento do Brasil” de Portinari, pintado sob encomenda do Banco Português do Brasil S.A. por intermédio de Raymundo Castro Maia, adquirido em 1976 por dois e meio milhões de cruzeiros, e também por meio de doações de artistas que participavam de exposições periódicas realizadas pelo Espaço Cultural na sede e regionais do Banco Central.

Em 1979 o Banco Central contratou uma comissão de especialistas para avaliação do acervo oferecido pelo Banco Áurea. Formada por Pietro Maria Bardi, Edson Motta e acompanhados por um funcionário do Banco Central, foram responsáveis por elaborar um laudo para verificar a qualidade do acervo oferecido pelo Banco Áurea e avaliá-lo financeiramente.

O relatório⁴ da comissão de 1979 informa que a vistoria das obras da Collectio foi realizada na sede do Banco de Crédito Nacional S.A. em São Paulo capital que atuou como depositário da coleção. As obras foram encontradas sem nenhuma identificação, o que tornou necessário a separação das obras por artista, agrupamento das tiragens de gravura separando-as em pastas, fotografaram algumas das obras mais importantes e etiquetaram para facilitar identificação posterior das pinturas e gravuras. Fizeram uma listagem das 29 obras⁵ consideradas de maior valor e importância artística. A tela de Volpi “Bandeira Brasileira” com chassi quebrado é identificada, entretanto desaconselham restauro pelo valor superar o valor da obra. Recomendam também pela realização de um leilão para as demais obras, porém avisam sobre possíveis dificuldades que colocar a disposição um lote tão grande, poderia provocar sério desequilíbrio no mercado de arte e queda dos preços. Dessa forma, sugere a venda dos lotes de gravuras para “entidades, indústrias e financeiras que usam distribuir brindes”⁶ como possíveis interessadas na compra.

Há uma dificuldade técnica de identificar precisamente a quantidade de obras que formam o acervo nesse momento inicial. A existência de várias listas de obras da Collectio e do auto de apreensão quando as obras passaram para propriedade do Banco Áurea como garantia de pagamento divergem⁷ sobre a quantidade de obras estava realmente em posse do Banco Áurea. Toda a docu-

4 Pagina 143 a 146, lista de obras paginas 147 a 192.

5 Pagina 109 a 112, Correspondência de 8/1/1979 com a lista das obras sugeridas dos artistas Emiliano Di Cavalcanti, Alfredo Volpi, Tarsila do Amaral, Aldo Bonadei, Clovis Graciano, Ismael Nery, Fulvio Penacchi, Orlando Teruz, Milton Dacosta, Alberto da Veiga Guignard, Vicente do Rego Monteiro, Antonio Gomide, Aldemir Martins, a lista incluía também duas obras de Portinari que sumiram durante o processo e duas telas de José Pancetti que foram consideradas falsas posteriormente.

6 Processo 2410568, Relatório da comissão p.143 a 146, lista de obras p. 147 a 192

7 Processo 2410568, Listas p. 43 a 57 avaliação de 1975, p. 58 a 71 lista Galeria Collectio sem data, p. 72 a 84 auto de apreensão de 1974, p. 94 a 97 lista obras presentes no banco nacional de credito, p. 297 a 300 e 321 a 324 lista de obras no banco de crédito nacional para fins de seguro de 1980.

mentação dos anos 1970 foi microfilmada pelo Banco Central e muitas páginas têm a leitura comprometida. Do momento da falência até a chegada no Banco Central vários documentos informam sobre o desaparecimento de obras e mesmo vendas realizadas do Banco Áurea de parte do acervo antes do acordo final com o Banco Central⁸. As listagens da Collectio não informam data, e o auto de apreensão foca o valor monetário das obras e não na quantidade, as descrições das obras são imprecisas e dificultam a identificação dentre as peças que efetivamente restaram no acervo.

Através da Collectio foram recebidas obras de Alberto da Veiga Guinard, Aldemir Martins, Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Antonio Bandeira, Antonio Gomide, Cícero Dias, Clovis Graciano, Emiliano Di Cavalcanti, Francisco Cuoco, Fúlvio Penachi, Guilherme de Faria, Ismael Nery, Ivan Freitas, Maciej Babinski, Marcelo Grasmann, Milton Dacosta, Orlando Teruz, Salvador Dali, Tarsila do Amaral, Tuneu e Vicente do Rego Monteiro. O acervo foi entregue ao Banco Central em 1980 pelo Banco de Crédito Nacional S.A., que atuou como depositário. A coleção era composta de pinturas, gravuras, desenhos e esculturas num total aproximado de 4387 obras⁹. Destaca-se que uma parte considerável da coleção era formada por tiragens praticamente inteiras de gravuras, constando na lista de entrega das obras 536 gravuras de Babinski, 185 de Marcelo Grasmann, 898 de Clovis Graciano, 131 de Di Cavalcanti, 300 de Alfredo Volpi, 579 de Tarsila do Amaral, 625 de Cícero Dias, 40 de Salvador Dalí, 56 de Guilherme de Faria, 95 de Aldemir Martins e 322 de Charlotte Gross, e outros 395 itens relacionando as demais obras da coleção.

Em meados dos anos 1980 o acervo foi transferido para a nova sede em Brasília. Em decorrência da abundância de gravuras e desenhos muitas obras foram levadas para as delegacias regionais do Banco Central com a finalidade de ambientar das áreas de trabalho, até que em 1992 uma nova comissão técnica¹⁰ foi formada para avaliar o acervo e dar providências ao desfazimento que ainda não havia ocorrido, conforme sugerido pela primeira comissão.

Entre o momento da falência da Collectio até a realização da comissão de 1992, além dos desfalques ocorridos antes da chegada das obras no Banco Central, foram incorporadas ao acervo outras obras advindas das exposições do

8 Processo 2410568, documento de 7/3/1978 nas páginas 25 e 26 informam sobre o recebimento das obras da Collectio pelo Banco Central e vendas de obras efetuadas pelo Banco Áurea a revelia do acordo com o Banco Central nas páginas 100 a 104 encontra-se a lista de obras não encontradas. Nova menção as obras alienadas pelo Banco Áurea nas páginas 245, 397 a 399.

9 A documentação data de 31 de julho de 1980 e lista final de 8 de abril de 1981 informa o total de 4387 obras. A lista está em dossiê composto com cópias de processos sobre a formação do acervo, sem numeração de referência.

10 Os membros da nova comissão foram Fabio Magalhães, Pedro Xexéo, Glênio Bianchetti, Ralph Camargo, Leda Watson, Mauricio Pontual Machado e Carlos Alberto Fontes (funcionário do BC) realizada de 13 a 15 de abril de 1992.

Espaço Cultural e nas delegacias regionais, ou mesmo outras obras que não se tem registro da procedência.

A nova comissão apresentou um laudo¹¹ separando as obras em 3 anexos: Anexo I – obras de maior expressão artística e cultural, contendo 200 obras consideradas principais, Anexo II – obras de media expressão artística e cultural, contendo 840 obras, e anexo III – obras de baixa expressão artística e cultural, contendo 3002 obras, identificando um total de 4042 obras pertencentes ao acervo.

A comissão elogia as condições técnicas de armazenamento, e o bom estado de conservação das obras, preservadas dentro dos padrões museológicos, exalta também a qualidade da coleção e a sua representatividade dentro do modernismo. Recomenda caso um dia seja criado um museu para Brasília que a obras componham o acervo inicial deste museu. Também adverte que o Banco Central pare de receber doação das obras de exposições realizadas no Espaço Cultural devido à menor relevância artística destes nomes. Com base no relatório da comissão foi estabelecido por meio do voto¹² 621/92 a destinação das obras de arte. O Banco Central manterá em seu acervo as obras do anexo I como acervo para exposições e autoriza a possibilidade de empréstimo para exposições itinerantes mediante convênio com outras entidades, manter 500 obras do anexo II para ambientação dos espaços de trabalho e vender as 340 restantes por meio de leilão, e desfazer-se das obras do anexo III, considerando a hipótese de doação.

É curiosa a divisão feita pela comissão técnica entre obras de maior, média e menor expressão artística, pois há uma grande quantidade de gravuras iguais classificadas entre todos os anexos. Por exemplo, no anexo I encontram-se todas as pinturas sobre tela dos nomes mais importantes, como Guignard, Volpi, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral etc, os desenhos e pinturas sobre papel, e, em tese, um exemplar de cada gravura. Entretanto como a comissão verificou apenas obras localizadas no edifício sede, mesmo havendo obras nas regionais e nos gabinetes, vários desenhos, pinturas sobre papel, gravuras diferentes das maiores tiragens e uma grande parcela das gravuras com amplas tiragens foram catalogadas no anexo II, dito de média expressão artística.

Já o anexo III é em grande parte as cópias restantes das gravuras com grandes tiragens, principalmente gravuras de Marcelo Grasmann, Maciej Babiniski, Aldemir Martins, Clovis Graciano, Cícero Dias. Há desta forma a presença das mesmas gravuras consideradas com representatividade cultural distintas em todos os anexos. Ainda no anexo III foram catalogadas obras adquiridas nos eventos do Espaço Cultural, porém, mesmo que a maioria dos nomes não fos-

11 Processo 9200005411, p. 138 a 227

12 Processo 9200005411, p. 74 e 75

sem conhecidos, o Banco Central recebeu dessa forma obras de Renina Katz, Alice Brill, Gregório Gruber, Abelardo da Hora, Rossini Perez, todas catalogadas como de baixa expressão cultural¹³, provavelmente apenas por completo desconhecimento destas obras pela comissão.

Doações do acervo de arte

Para cumprir com o desfazimento das 3002 obras listadas no anexo III, em 1994 o Banco Central optou levar a leilão¹⁴ parte da coleção de gravuras e desenhos. Realizado pela leiloeira Ana Lucia Borba Assunção, em duas etapas com 170 obras em cada, divididos em lotes, foram vendidas apenas 137 obras¹⁵, dentre as quais: Babinski (15), Tuneu (9), Aldo Bonadei (20), Marcelo Grasmann (6), Clovis Graciano (10), Di Cavalcanti (65), Volpi (5), Cícero dias (4), Aldemir Martins (2), Dorly Signor (1). As 203 obras restantes foram reincorporadas ao anexo III. Esta forma de desfazimento foi considerada inadequada e por demais onerosas a instituição, constatou-se também uma grande falta de interesse do mercado¹⁶.

Como medida mais eficaz, o Banco Central decidiu fazer doações para instituições culturais. Nesse ponto algumas informações divergem, cita-se nos processos doações para 33 entidades num total de 1617 obras doadas, e 6 pedidos de doação ainda não atendidos¹⁷ totalizando mais 342 obras, realizadas entre 1994 a 1996. Das 3342 obras do anexo III, restaram apenas 1383 nas dependências do Banco Central. Porém no processo de doações¹⁸ outra listagem informa que 42 instituições efetivamente assinaram convênio e 2213 obras foram doadas até 1997.

Cada instituição recebeu uma média de 49 gravuras dos artistas Aldemir Martins, Aldo Bonadei, Alfredo Volpi, Cícero Dias, Clovis Graciano, Babinski, Marcelo Grasmann, Francisco Cuoco, Tarsila do Amaral, Tuneu, e há eventualmente a presença de obras de Guilherme de Farias, Charlotte Gross, Abelardo da Hora, Rossini Perez, Di Cavalcanti, Anna Leticia, Charlotte Gross, Shirley Ind e a doação de um Pancetti considerado falso pela comissão de 1975 para a Universidade de Brasília.

13 Como grande parte do anexo III foi doado, uma parcela destas obras foram perdidas, como é o caso de Rossini Perez e Abelardo da Hora, doadas para o estado do Ceará.

14 Processo 9400369145 sobre o leilão de obras de arte

15 Leilão realizado nos dias 15, 16 e 17 de setembro de 1994, Conforme relatório no processo 9200005411, p.263 a 269 e 310 a 311.

16 Conforme informado no processo 9200005411, voto 003/95, p.321 a 322.

17 Relatório do grupo de trabalho para destinação de parte do acervo de 27/6/1996, processo 9200005411, p. 529 a 531 Processo 9600615674, p. 66 a 68.

18 Processo 9600615674, p. 59 e 60.

As 42 instituições que receberam as doações entre 1994 e 1997 foram (em ordem temporal de doação) o Ministério da Cultura, Secretaria de Cultura e Esporte do Distrito Federal, Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco, Companhia Energética do Estado do Maranhão, Universidade de Brasília, Secretaria de Minas Gerais – Superintendência de Museus, Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu Nacional de Belas Artes/ IPHAN, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Pinacoteca do Estado de São Paulo, Prefeitura de Vitória, Fundação Cultural do Estado da Bahia (MAM-BA), Universidade Estadual da Paraíba, Casa de Cultura João Ribeiro de Sergipe, Fundação Cultural do Amapá, UFMG – Escola de Belas Artes, Universidade de São Paulo (58), Secretaria de Cultura de Sergipe – Galeria de Arte J. Inácio, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Uberlândia, Fundação Cultural do Piauí, Secretaria de Cultura do Mato Grosso, Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Tocantins, Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desportos do Rio Grande do Norte, Secretaria de Estado de Cultura do Pará, Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Espírito Santo, Secretaria de Comunicação e Cultura de Santa Catarina, Fundação José Augusto em Natal, UnB (obras danificadas 117)¹⁹, Secretaria de Estado de Cultura do Maranhão, Museu de Artes Visuais do Maranhão (50), Casa da Cultura da América Latina – UnB (50), Secretaria de Cultura do Rio Grande do Sul (10), Procuradoria Geral da República de Pernambuco e Universidade de Brasília (162).

Onze instituições tiveram o processo de doação indeferido sendo elas: Grande Oriente Brasil, Museu de Arte de São Paulo, Secretaria de Cultura de Sergipe – Centro de Criatividade Gov. João Filho e o Museu Histórico, Prefeitura Municipal de Teresinha-PI, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Roraimense, Prefeitura de Francisco Beltrão-PR, Fundação Cultural de Joinville-SC, Prefeitura Municipal de Lençóis Paulista-SP, Universidade Federal do Maranhão.

O critério de doação não é claro, o MINC e a USP ofereceram algumas sugestões de instituições, mas a maior parte das doações foram solicitadas diretamente pelas próprias instituições por meio de ofício ao Banco Central.

19 No relatório do grupo de trabalho para destinação de parte do acervo, processo 9200005411, p. 529 a 531, recomenda doação de 97 obras consideradas danificadas para laboratório de restauração da UnB (Sr. Jose Carlos Andreoli), na assinatura do convenio de doação contam 117 obras.

Como o maior interesse no momento era cumprir com o voto de desfazimento de 3002 obras, dentro do possível, todos os pedidos foram atendidos.

É interessante observar que a aposta de investimento na arte modernista de José Paulo Domingues, o *marchand* da Collectio, se concretizou e permitiu ao Banco Central formar um acervo de grande representatividade. A importância de nomes como Volpi, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Cícero Dias é hoje fundamental na constituição do modernismo como instituição fundante da Arte Brasileira. A alta de preços durante os anos da Galeria Collectio encontra eco no dito “Milagre Brasileiro”, mas com a crise do petróleo de 1974 houve um forte desaquecimento dos mercados e conseqüente queda dos preços no mercado de arte, que não encontrou valorização semelhante até “próximo a virada do milênio quando ninguém mais duvidava da importância da arte moderna na história do século XX” (MILLIET, inédito).

Por outro lado, a respeito das doações realizadas pelo Banco Central até 1997 podemos criar um paralelo entre a consolidação do modernismo e o reaquecimento do mercado apontado por Milliet, tornando pertinente investigar sobre o interesse das instituições culturais brasileiras em receber doações de obras do Banco Central, predominantemente compostas por artistas de grande representatividade do modernismo, como Volpi. Ao mesmo tempo em que possibilitaram a disseminação desses nomes para uma grande parcela dos estados brasileiros observa-se também um fortalecimento regional dos acervos que passaram a ser detentores de obras de autores significativos do modernismo.

Neste sentido, aponto o catálogo publicado pela Universidade Federal de Goiás, exclusivamente composto de gravuras doadas pelo Banco Central.

Neste acervo temos um elenco de nove importantes artistas da arte moderna brasileira, alguns essencialmente gravadores, dedicados quase que exclusivamente a gravura, como Grasmann e Babinski, profundamente conhecedores do processo; outros, que se dedicaram a muitos processos artísticos, mas também grandes amantes da gravura, nunca tendo deixado de trabalhar com ela, como Aldemir Martins e Clovis Graciano. Outros, conhecidos essencialmente como pintores, não deixaram de experimentar os processos da gravura, como Volpi, Tarsila do Amaral, Cícero dias, Francisco Cuoco e Tuneu.

(...)

A faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás traz a público o catálogo de acervo de gravuras brasileiras desta Unidade, constante de 48 gravuras de nove artistas de renome, doadas a esta Unidade, pelo banco Central, nos finais de 1995.

(...)

É nossa intenção, ao lançar este catálogo promover exposições itinerantes destas obras em várias salas de Goiânia e de outras cidades do interior do Estado, divulgando-as, não só a comunidade universitária, mas a toda sociedade goiana. É um acervo tão importante para nossa instituição e para nosso Estado

É pretensão nossa publicar, brevemente, um catalogo similar do acervo de gravadores goianos que estamos formando e, desta forma, divulgar a arte da gravura produzida no Goiás. (CLIMACO, 1998)

Ambicionar através da incorporação desta coleção a resignificação da construção de seu acervo, bem como a possibilidade de circulação das obras indicam uma vontade institucional voltada para propagação da importância artística do museu diante da sociedade, manifestada naquele momento pela UFG.

As doações do Banco Central parecem ter diferentes níveis de importância dentro de cada instituição que as recebeu, para alguns uma complementação de seu acervo, em outros casos, motivo de grande exaltação. Compreender o papel desta influência e seus desdobramentos faz parte desta pesquisa em andamento.

Em 2012 o acervo de arte foi novamente reavaliado e reclassificado por comissão técnica especializada²⁰. Além da revisão de denominação e dos critérios de avaliação considerou o valor artístico, histórico e financeiro das obras, sendo classificadas em: i) Acervo Museológico, com 554 obras de maior expressão cultural, ii) Acervo de Ambientação, com 1619 obras destinadas aos espaços de trabalho do Banco Central, iii) Obras para Descarte²¹, por meio de doação ou alienação pública, com 178 obras. O acervo do Banco Central passa, assim a conter 2173 obras.

Além das obras que já constavam com acervo principal, foram incluídas ao acervo museológico duas cópias de cada gravura da qual foi possível encontrar, artistas importantes advindas de outros meios como do Espaço Cultural, incorporando obras de Emanuel Nassar, Siron Franco, Antonio Augusto Marx, Renina Katz, Alice Brill, Emanuel Araujo, Maria Bonomi, Walter Levy, Milor Fernandes, Iracema Arditi e Gregório Gruber, desenhos e gravuras únicas que antes constavam em ambientação e foram identificadas através de inventário conduzido pela equipe da galeria de arte entre 2008 e 2010 no edifício sede de Brasília e até 2012 nas sedes regionais, este levantamento deu substrato a avaliação da comissão de 2012, obtendo um panorama completo da coleção e do seu estado de conservação. As obras mantidas em desfazimento são apenas que o artista realmente não desenvolveu carreira, principalmente de obras oriundas das doações ao Espaço Cultural.

Referências

BRASIL, Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências.

20 Composta por Maria Alice Milliet, Fabio Magalhães, Glenio Bianchetti, Soraia Cals e Daniel Chaieb, realizou a avaliação nos dias 4 e 5 de junho de 2012.

21 Em consonância com o novo Estatuto de Museus que ratifica necessidade de uma política aquisitiva e de descarte com base no estudo e pesquisa sobre os acervos. Lei 11.904 de 2009, artigo 28 parágrafo 1.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Processo 2410598/77 de 5/12/1977– Chegada das obras de arte – Galeria Collectio, microfilmado.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Processo 9200005411 de 18/3/1992 – Galeria de Arte do Banco Central e reserva técnica do acervo, 4 volumes.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Processo 9400369145 de 20/5/1993 - Leilão das obras.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Processo 9600615674 – Doação de parte do acervo de arte

CLIMACO, José Cesar T. de S. *Gravuras, Acervo*. Faculdade de Artes Visuais / UFG, 1998

MILLIET, Maria Alice, *Coleção Banco Central*, Volume II, Inédito, a ser publicado em 2013 com os dois volumes do catalogo geral do acervo de obras de arte do Banco Central.

Minicurrículo

Rachel Vallego Rodrigues é bacharel em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília e Mestranda da linha de Teoria e História da Arte no Programa de Pós-Graduação em Arte da Universidade de Brasília.